

A circulação de um esquema tático: o exemplo do WM em Inglaterra, Portugal e Moçambique

Nuno Domingos

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Resumo

Este artigo propõe interpretar o processo de circulação de modelos táticos na prática do jogo de futebol. Mais concretamente, procurar-se-á, de forma introdutória, analisar a lógica de disseminação do chamado sistema WM entre a Inglaterra, onde foi criado, Portugal e Moçambique. É objectivo deste artigo perceber como é que se difundiram, através das redes internacionais do futebol federado, formas dominantes de conceber os gestos e os movimentos dos atletas. O grau de difusão dos esquemas táticos, como se procurará revelar para os casos aqui apresentados, relaciona-se proximamente com os contextos sociais e históricos nos quais foram aplicados e, de forma mais específica, com desenvolvimento alcançado pelo processo de profissionalização do jogo.

Abstract

This article aims to interpret the process of circulation of tactical models in the game of football. More concretely, it proposes an introductory analysis to the logic that was behind the dissemination of the WM system between England, where it was created, Portugal and Mozambique. It is our objective to understand how dominant ways of conceiving the athletes' gestures and movements during a football game were promoted through the networks of international federated football. The degree of diffusion of the tactical schemes, as it will be revealed in the studies presented here, was proximately related to the social and historical contexts where they were applied and, more specifically, to the development of the game's professionalization process.

Elaborado na transição para a década de 1930, o sistema WM tornou-se dominante no mundo do futebol competitivo nas décadas seguintes, sendo, mais tarde, substituído por outros sistemas de organização do jogo. O processo de disseminação de modelos táticos de jogo, como o WM, permite discutir um conjunto de questões interrelacionadas. Desde logo, reflecte a importância da imposição de princípios de racionalidade motora, cuja lógica última se relaciona

com o desenvolvimento do que Norbert Elias designou por “processo de desportivização” (Elias, 1992: 187-215). Este fenómeno, intrínseco à evolução de formas desportivas modernas, manifesta-se de modo particular no universo do futebol competitivo profissionalizado, ou em vias de profissionalização, transformado num espectáculo dirigido a um público. A tendência de difusão de formas de regulação das interacções dos atletas durante um jogo de futebol regista importantes adaptações locais, que transformam de modo mais ou menos significativo a sua lógica original. Os princípios que regem estas formas de adaptação e recriação, argumentar-se-á contra interpretações que nacionalizam ou culturalizam as formas de jogar, devem ser procuradas nas condições de produção locais deste espectáculo, o que implica uma análise da relação entre o desenvolvimento do jogo, enquanto actividade relativamente autónoma que desenvolve lógicas de mercado específicas e processos de troca com as formas sociais envolventes.

Actividade que acompanha o processo histórico moderno, o futebol apresenta, no modo como evoluiu e se internacionalizou ao longo do último século e meio, características comuns a outras actividades desenvolvidas no mesmo período. Esta semelhança é detectável ao se analisar a dimensão formal do jogo¹. Destaque-se, a este respeito, a progressiva complexidade da divisão do trabalho presente na organização das equipas, não apenas nas funções cumpridas pelos jogadores em campo e no modo como desenham dinâmicas colectivas, mas também em toda a estrutura que envolve a actividade desportiva, ela própria cada vez mais específica e especializada. Esta formalização, que o futebol partilha com esferas de actividade social estruturantes, como por exemplo a económica, não converte a sua dinâmica num reflexo da lógica de outros domínios do social. O processo que subjaz à circulação de um esquema tático como o WM, um método de reorganização da divisão do trabalho dentro de campo, sustentado em respostas racionais colocadas pela alteração da lei do fora de jogo em 1925, foi fértil em lutas que só podem ser entendidas no contexto específico desta actividade e da sua relação com mercados de troca específicos.

Ao analisar a evolução das formas racionais da música moderna, Max Weber, integrando o fenómeno em processos sociais e históricos vastos, falava da existência de sublinhas de racionalização traduzidas formalmente de modo particular (Weber, 1995). O conceito de *figuração* de Elias, e o conceito de *campo*, proposto por Pierre Bourdieu, permitem traduzir esta especificidade em espaços de racionalização particulares. Neste sentido, a evolução formal do jogo deve ser interpretada à luz de uma matriz de racionalidade inerente a um mercado de troca particular, o mesmo se aplicando ao estudo da disseminação espacial de um movimento artístico, como o cubismo ou o impressionismo, de uma técnica arquitectónica ou agrícola, ou de um conceito teórico, como estrutura social, identidade ou cultura.

*

Os limites da expansão da circulação das táticas do futebol são determinados pela existência de universos de práticas e competições desportivas cujo funcionamento justifica a presença de formas de racionalização do que podemos designar por “matéria do jogo”, isto é, de racionalização dos gestos e movimento dos jogadores. Norbert Elias, ao descrever o processo de desportivização, remete para um contexto caracterizado pela codificação e expansão progressiva das regras do futebol, factor que permitia a realização de jogos desportivos entre equipas de regiões e locais diferentes. Não foram apenas as regras do jogo, no entanto, que circularam de região para região, de país para país, de continente para continente; foi também o conhecimento que permitia às equipas organizarem-se de forma mais consentânea com o objectivo que se tornou dominante nas competições desportivas em processo de profissionalização: a vitória. A importância dos resultados foi também assinalada pelo sociólogo alemão como uma característica do processo de desportivização. Ao deixar de ser uma prática amadora e constituindo-se como um espectáculo público o futebol tornou-se num assunto sério. As equipas passaram a representar colectivos de adeptos que lhes exigiam o custo da representação. Tal exigência possuía dimensões distintas. Os aspectos performativos relativos a uma dimensão de

natureza espectacular completavam parte da expectativa dos adeptos em relação à performance. No entanto, o valor mais caro às massas de seguidores da equipa era a vitória. Identificado o objectivo crucial à actividade de uma equipa de futebol cabia perceber e interpretar os mecanismos mais eficazes para o alcançar. Desde logo se compreendeu a importância da preparação dos jogadores, do treino, da dedicação ao jogo. O futebol tornara-se uma profissão, embora o reconhecimento deste estatuto tenha sido lento e muito diferenciado no tempo e no espaço. O processo de profissionalização assumia que o jogador devia estar bem preparado. O estudo da modalidade, também ele progressivamente especializado, realizado por treinadores, jornalistas, antigos jogadores, assinalava que esta preparação devia implicar, para além da melhoria da condição física, a incorporação de um conjunto de princípios táticos. A palavra incorporação descreve bem este mecanismo: o pensamento tático devia ser interpretado por corpos educados; não bastava o entendimento abstracto, era crucial um entendimento corporal. A tendência observada ao longo do tempo reflectiu a progressiva centralidade da componente tática como elemento estruturador do jogo em detrimento de outros critérios, como por exemplo a excelência técnica do jogador, eixo fundamental da relação do público com o jogo. A hegemonia da tática não se fez sem um processo permanente de lutas, de constantes avanços e recuos, que ainda hoje se observam.

Um dos factores fundamentais que determina o ritmo destes avanços e recuos é precisamente a dinâmica e profundidade do processo de profissionalização, isto é, o estado das condições que envolvem a “produção do jogo”, aquilo que permite o maior ou menor desenvolvimento da componente tática. Motivada pela pressão dos adeptos, que institui a busca dos resultados como princípio dominante da acção dos jogadores e das equipas, a profissionalização alimenta-se e estimula a expansão de um mercado de trocas e ideias, que acompanha a concomitante mobilidade profissional de atletas e treinadores. As digressões de equipas, que usualmente actuavam apenas numa esfera regional, nacional, ou mesmo continental,

para fora dos seus espaços habituais, proporcionaram uma partilha de performances, de gestos individuais mas também de sistemas colectivos. Muitas destas ideias táticas foram transcritas para manuais, que fixavam, num cânone de referências, as principais concepções de organização do futebol. O elemento crucial em falta neste quadro são os media: o grande espaço de discussão e circulação de ideias, local de defesa e contestação dos modelos, dos seus autores e daqueles que, na prática do jogo, provavam ou não, a fertilidade dos sistemas.

Pelos lugares onde o futebol se encontrava mais profissionalizado criou-se uma espécie de espaço público específico, lugar da troca de ideias e de experiências, lugar da apropriação mas também da adaptação e da transformação.

Investigar a disseminação de táticas é um trabalho complexo, sobretudo quando se procura estudar as primeiras décadas de competições. À falta de imagens, única forma de ajuizar com maior pertinência a posição dos jogadores em campo, junta-se as contradições dos registos escritos e a carência de obras que sintetizem a progressão dos desenvolvimentos técnicos e a criação de um cânone teórico. Como no futebol a representação de um modelo tático só ganha forma na própria performance, é problemático refazer uma linha cronológica, distinguir quem introduziu um novo sistema de quem o aplicou correctamente. Noutro sentido, não sendo a tática o único elemento a ter em conta ao se avaliar a prestação de uma equipa é normal que os momentos de ruptura e transformação estejam muitas vezes associados aos clube que conjugavam uma dimensão tática inovadora com um potencial técnico elevado, resultado combinado do seu sucesso e, quase sempre, de uma relativa capacidade financeira. A importância de uma equipa taticamente dotada, mas frágil noutros aspectos, pode passar despercebida no nevoeiro dos seus resultados banais. Como se irá observar adiante, há versões contraditórias em relação aos trilhos exactos por onde se propagaram as táticas.

O trabalho de investigação sobre este processo de disseminação está em grande medida por realizar. A observação aqui realizada é bastante preliminar e sustentada em fontes parcelares,

que não substituem naturalmente um trabalho de base. Para o estudo do surgimento do WM foi adoptada a narrativa dominante, traduzida em manuais e outras obras de divulgação e análise, publicados desde a década de 1930 até à actualidade, que atribuem à passagem do treinador Herbert Chapman pelo Arsenal a origem do novo sistema². Para o caso português, a fonte principal é o trabalho do jornalista e treinador português Cândido de Oliveira, sobretudo as obras que publicou em 1935 e 1949. No que respeita ao caso moçambicano, dir-se-ia de forma mais correcta o caso da sua capital, na altura designada por Lourenço Marques, a informação decorre do trabalho realizado no âmbito da minha tese de doutoramento sobre o contexto do desenvolvimento do futebol em Lourenço Marques durante o período colonial (Domingos, 2009). No entanto, mais do que realizar um exame sistemático da circulação do sistema WM, tanto do ponto de vista teórico como prático, entre a Inglaterra, Portugal e Moçambique, pretende-se detectar determinados padrões de disseminação, identificar os seus agentes primordiais de contacto, eixos fulcrais de redes sociais mais vastas por onde circulava informação, e perceber a importância das condições locais de recepção, traduzidas pelo grau de desenvolvimento da própria actividade.

Os fundamentos da invenção do WM

“Onze homens atrás de uma bola” não é a descrição mais correcta de um jogo cujos princípios de organização, desde a sua invenção moderna, se encontram em constante reformulação. As células do jogo, os movimentos dos jogadores e as dinâmicas colectivas criadas por estes movimentos, foram desde cedo alvo de um pensamento teórico, mais ou menos formalizado, que procurava que as equipas se revelassem mais aptas a produzir performances positivas, embora o significado da performance e os critérios da sua aferição tenham evoluído com o tempo e fossem, como foi referido, objecto de constantes lutas.

Entre as alterações às regras do jogo, promovidas pelas instituições responsáveis pela organização internacional do futebol, o International Board (n. 1886) e a FIFA (n. 1904), a alteração à regra do fora-de-jogo instituída em 1925 terá sido a mais importante. Até essa altura a chamada “formação clássica”, ou “pirâmide”, constituía-se como o modelo tático hegemónico. Os elementos que formavam este sistema eram reconhecidos pela sua posição em campo. Invenção inglesa, a formação clássica, exportada quase sempre pela diáspora britânica, compunha-se de peças nomeadas na língua dos inventores: 1 *goal-keeper* 2 *backs*, 3 *half-backs* e 5 *forwards*. Apesar da sua tendência atacante, este sistema já resultava de uma evolução de formações ainda mais ofensivas, em que a linha de ataque chegara a ser composta por 9 e 7 jogadores. A formação clássica estava adaptada a lei do fora-de-jogo existente. Esta determinava que se um avançado recebesse a bola à frente dos dois defesas ficaria em posição de fora-de-jogo. Os dois defesas da formação clássica típica haviam-se especializado em movimentações que constantemente colocavam um dos 5 avançados contrários em posição ilegal. Isto obrigava a linha de ataque a recuar. O resultado desta estratégia foi a redução significativa do número de golos, já que os avançados eram remetidos para áreas cada vez mais distante da baliza. O jogo entrara em crise. Foi em resposta a esta crise, que ameaçava reduzir a componente espectacular inerente aos movimentos ofensivos, que o International Board decidiu alterar a lei do fora-de-jogo. Segundo a nova formulação da regra, os avançados só estariam em posição ilegal encontrando-se na altura do passe com apenas um jogador entre eles e a baliza, normalmente o guarda-redes. A transformação da regra alterava a dinâmica do jogo e punha em causa a estratégia defensiva característica da formação clássica. A defesa com dois jogadores deixara de ser operante para lidar com a nova lei. A transformação da regra, no quadro de uma moral desportiva instigada pela obtenção do resultado, exigia uma outra racionalização das dinâmicas dos jogadores e da equipa, uma chave que decifrasse os novos problemas colocados.

As deficiências do modelo em pirâmide foram sentidas de imediato na experiência cotidiana das competições. No entanto, a resposta teórica às renovadas condições do jogo terá sido apenas encontrada alguns anos depois da alteração na lei do *offside*, quando Herbert Chapman, treinador do Arsenal de Londres, engendrou um novo esquema tático. Chapman nasceu perto de Sheffield, no perímetro regional onde se desenvolvera o moderno futebol inglês, dominado pelas cidades industriais a norte. O seu sucesso como treinador do Huddersfield Town (n.1908), onde ganhou o campeonato por três vezes, suscitou o interesse do Arsenal. Na primeira época em Londres, em 1925, ficou em segundo lugar no campeonato, o melhor resultado alcançado por uma equipa da capital até então. As condições de trabalho no Arsenal possibilitaram-lhe a depuração do sistema tático que viria a substituir a formação clássica e que passou a ser designado pelas letras que desenham a posição dos jogadores no campo: o M, que revela a configuração dos jogadores mais recuados, e o W, que desenha a posição dos atletas mais avançados. A experiência das equipas depois da alteração da lei anunciava a urgência da dupla de defesas ser reforçada por um terceiro jogador, única forma de sustentar o maior espaço que a lei havia concedido aos atacantes. A nova regra permitia aos avançados ocuparem posições mais à frente, transparecendo a ideia de que o campo “esticara”. Em consequência deste efeito “natural”, várias equipas recuaram o médio centro para o meio da defesa, no que passou a ser conhecido pelo *Third Back Game*. Chapman terá sido, no entanto, o primeiro a compreender de forma sistémica todas as implicações da alteração, sobretudo no que respeita à estratégia ofensiva. O recuo do médio-centro criara um espaço vazio no meio-campo, perturbando o antigo modelo sustentado pelo quinteto de avançados em linha. A ocupação do espaço alterara-se. O tempo concedido a Chapman para trabalhar o seu sistema assinalava a conquista por parte do treinador de uma autonomia inédita, que se repercutia na liberdade para formar a equipa e contratar jogadores. A experiência do Arsenal, como nota Jonathan Wilson no seu recente

Inverting the Pyramid, anunciava a emergência da figura do treinador moderno(Wilson, 2008: 47)³.

Num dos manuais de futebol que, um pouco por todos os centros do futebol competitivo, analisavam a lógica do WM, o jornalista e treinador português Cândido de Oliveira (n. 1896), refere que Chapman concebeu a nova tática partindo da lógica do movimento ofensivo Oliveira, 1949: 50-51). O espaço vazio existente no meio-campo pela passagem do médio-centro para o meio da defesa obrigou ao recuo dos chamados avançados interiores, o que desenhava um ataque em W: os extremos, mais encostados às laterais, e o avançado-centro, continuavam em linha, os interiores recuavam mais para o meio-campo. Com esta formação, as equipas que insistiam a apresentar uma defesa clássica, com apenas dois jogadores, passariam a estar em inferioridade numérica. Perante um ataque assim organizado, o adversário, para se adaptar ao desafio colocado, fazia recuar o médio-centro para o meio da defesa. Em Inglaterra, a função deste jogador, parar o avançado-centro do adversário, sugeria a escolha de um jogador alto e forte, que passou a ser designado por *stopper*. Para preencher o vazio do meio-campo recuaram dois dos médios para o centro do terreno, compondo-se o M defensivo.

A revolução imposta pelo WM não envolvia apenas uma alteração das posições dos jogadores. A transformação da dinâmica do sistema colectivo exigia uma redefinição das suas funções, uma actualização das exigências inerentes a cada posição em campo o que obrigava a uma adaptação dos atletas a uma nova divisão do trabalho dentro do terreno de jogo. Cândido de Oliveira enunciou estas novas funções: o médio-centro, de jogador cerebral, tornou-se num puro defesa cuja principal função é neutralizar o avançado; os médios-alas, que eram jogadores combativos, transformaram-se em jogadores criativos aos quais se exigia excelente domínio de bola e espírito de organização para servir os avançados; os defesas passaram a jogar mais juntos às linhas laterais; o avançado-centro, antigamente um criador de jogadas, passou a rematador de forte compleição física; os interiores, de combativos rematadores ficaram com a função de mover

ataque devendo possuir excelente domínio de bola; os extremos, a quem se pedia rapidez e bom tempo de passe para os três avançados mais próximos da baliza passaram a ter que acumular a velocidade com a capacidade de remate (Oliveira, 1949: 61)..

Nem todos os jogadores se adaptaram ao novo sistema. A defesa marcava de forma mais cerrada e reduzia as áreas que os avançados se habituaram a manipular com à vontade. A ocupação mais racional do espaço obrigava os jogadores a executar mais rápido, o que para alguns foi fatal. Os atletas menos ajustados, confrontados com uma outra concepção de espaço e de tempo, encontravam-se entre os mais ferozes opositores do novo sistema. Entre 1926 e 1930, Chapman afinou a dinâmica do seu esquema tático. Em 1930 venceu a Taça de Inglaterra e em 1931 e 1933 finalmente o campeonato. Jonathan Wilson assinala que a equipa de Chapman foi várias vezes comparada com uma máquina, metáfora que caracterizava, no contexto da época, um conjunto de actividades modernas⁴. Vivia-se o período da massificação do cinema, da fotografia e do jornal impresso, do automóvel e de novas propostas arquitectónicas. Na máquina do Arsenal, colectivo de vontades, predominava um pensamento tático adaptado aos desafios colocados pela alteração da lei do fora-de-jogo. Um pensamento moderno.

Sendo o futebol competitivo regulado por uma hierarquia institucional sustentada em associações internacionais a partir das quais se disseminavam as novas normas de regulação do jogo, a alteração da lei fora-de-jogo suscitou problemas semelhantes em todos os contextos em que, por determinação das federações locais, se aplicaram as novas regras. O debate gerado pela experiência de Chapman no Arsenal foi replicado em várias partes do mundo. Os jornais reproduziam estes debates, dividindo-se as opiniões entre os defensores do novo sistema e os que continuava a acreditar na universalidade da formação clássica. Configurava-se um combate entre tradicionalistas e modernizadores. A difusão do WM dependia, evidentemente, da sua eficácia prática. Em inúmeros contextos nacionais, nuns mais depressa do que noutros, a circulação de

treinadores e a realização de digressões justificou que o novo sistema fosse experimentado e as suas qualidades avaliadas.

Cândido de Oliveira e o WM em Portugal

Em 1935, um ano depois de Herbert Chapman ter morrido e deixado em herança ao mundo do futebol o sistema WM, Cândido de Oliveira viajou para Londres para participar num curso de treinadores organizado pela *Football Association*. Da experiência resultou um relatório publicado em 1936 pela então designada Federação Portuguesa de Football Association (Oliveira, 1935b). Para além de ter frequentado o curso da FA, Cândido de Oliveira estagiou com o Arsenal⁵, onde persistia o método de Chapman, e ainda assistiu a alguns encontros do campeonato escocês, uma das mais importantes escolas do jogo, cujos representantes mais ilustres, como Jimmy Hogan⁶, foram cruciais no desenvolvimento do futebol por toda a Europa. Quando regressou a Portugal, ainda em 1935, publicou um livro de iniciação tática intitulado *Football, Técnica e Tática*. Nesta obra havia já uma grande preocupação em dissecar o modelo inventado por Chapman⁷.

O campeonato nacional havia sido criado, ainda a título experimental, em 1934. Até essa data, as competições possuíam um carácter fundamentalmente regional, nem sempre regular e estavam concentradas nas maiores cidades, sobretudo em Lisboa. A promoção e organização do jogo alicerçavam-se no trabalho das associações e dos clubes desportivos, cujo voluntarismo estava longe de proporcionar uma preparação adequada à prática do futebol. Em 1927, António Ribeiro dos Reis (n.1896), capitão do exército e figura determinante na promoção do futebol, numa das primeiras obras publicadas em Portugal sobre os fundamentos do jogo, notava que

Muitos dos nossos jogadores ignoram as cousas mais elementares. A grande maioria nunca se deu ao trabalho de folhear as leis de «association». Jogam com a habilidade natural com que o Destino os fadou, mas raros são os que se decidem aprofundar os seus conhecimentos. Os nossos sistemas de educação e o analfabetismo que grassa em larga escala nas classes onde normalmente se faz o recrutamento da população

associativa dos nossos clubs de football, explicam essa relutância e justificam um pouco o nosso atrazo (Ribeiro dos Reis, 1927: 6).

A especificidade do analfabetismo futebolístico, não apartável, como foi referido, da condição mais genérica da população portuguesa, era combatida, por um grupo de jornalistas, praticantes e teóricos do jogo, entre os quais se encontravam Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis. Ambos haviam sido criados na Casa Pia de Lisboa, instituição centenária que educava, em regime de internato, crianças órfãs. A experiência casapiana terá sido crucial para os seus percursos de vida. Astregildo Silva, na sua biografia de Ribeiro dos Reis (Silva, 2004), cita uma conferência realizada pelo capitão no Ginásio Clube Português em 3 de Junho de 1931, onde este se refere à relação do jogo com a instituição: “A tendência casapiana para o futebol deve-se em primeiro lugar, às características da educação ministrada na Casa Pia onde se dedicava uma importância especial à prática da ginástica. Os alunos, apetrechados fisicamente com essa preparação salutar, tinham de sentir uma especial predilecção pelo desporto e tinham de marcar a sua superioridade quando em competição.” O regime de internato, argumentava o capitão, proporcionava o desenvolvimento do espírito associativo.

Em 1893, Bruno do Carmo e Januário Barreto introduziram o futebol para a Casa Pia (Rocha e Barreto, 1987: 90). Em 1901, o sub-director da instituição permitiu a um grupo de alunos formar equipas de futebol para se recrearem fora do tempo escolar. O jogo era promovido dentro e fora das paredes da Casa-Pia. A experiência na instituição, que Cândido de Oliveira designava por “comunidade de entre-ajuda” (Oliveira, 1934), não se limitou a dotar apenas estes indivíduos de um particular espírito associativo. A educação desportiva na Casa Pia, decorrente do papel da ginástica no currículo geral, forneceu-lhes uma concepção rigorosa da prática do desporto. Para Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis o associativismo desportivo não era apenas uma forma de prolongar a experiência da Casa Pia. Constituía-se, também, como um instrumento de alfabetização corporal, de ensino de um desporto cuja lógica mais profunda, tal

como a ginástica, actividade física consagrada por médicos, militares e pedagogos, presidia a princípios particulares de racionalização do movimento do corpo.

Os conhecimentos que adquirira em Inglaterra, publicados em livro, autorizavam Cândido de Oliveira a realçar que o futebol obedecia a princípios racionais de organização, cabendo ao treinador geri-los da forma mais adequada “Como o génio musical ou artístico, a habilidade no football não se desenvolve e apura sem uma aprendizagem cuidada e racional e uma prática persistente e intensa” (Oliveira, 1935a: 75). A tática era o fundamento racional do jogo moderno, princípio da sua eficácia. Como noutras áreas da actividade humana vingara a análise científica, o que provava que o “futebol era um jogo desportivo com uma base racional, inteligente e, podíamos acrescentar, científica” (Oliveira, 1949: 13). Como rareava em Portugal um enquadramento específico que estimulasse uma atitude metódica na preparação das equipas, cabia a jornalistas e divulgadores a função de educar.

Em Portugal, Cândido de Oliveira assume ter sido ele o primeiro a referir-se ao WM de forma cuidada, precisamente no livro que escreveu em 1935. A enunciação do sistema e da sua lógica por intermédio de livros e de artigos de jornal encerrava uma primeira etapa na recepção do método. A esquematização racional da dinâmica dos jogadores possuía, sem dúvida, uma estética autónoma. No contexto do jogo competitivo faltava, porém, o mais relevante: a experimentação. Esta etapa revestia-se de maior complexidade, dado a adaptação a um novo sistema exigir uma preparação cuidada e uma interiorização de princípios motores, cuja prossecução dependia de um contexto de profissionalização relativamente avançado.

Seguindo, em linhas gerais, a narrativa enunciada por Cândido de Oliveira no seu livro de 1949 sobre o sistema de Chapman, a primeira equipa a jogar em Portugal segundo a disposição definida pelo WM foi o clube inglês Brentford, em confronto com o Benfica em Maio de 1935. Quem também se apresentou em Lisboa, no estádio do Lumiar, com o sistema de Chapman foi a selecção alemã, que em 27 de Fevereiro de 1936, em plena vigência do regime nacional-

socialista, derrotou Portugal por 3-1 (Coelho e Pinheiro, 2002: 278). No mesmo ano, o Benfica comandado por Ribeiro dos Reis, foi a primeira equipa portuguesa a dispor os jogadores em WM. Fê-lo, no entanto, a partir de uma variante diagonal: em vez de recuar o médio centro para o meio da defesa, recua um médio lateral para defesa lateral, passando o anterior lateral para o centro. O próprio Cândido de Oliveira aplicou o WM quando treinou o Belenenses na época de 1937/38 e também no ano seguinte ao serviço da selecção nacional. Até 1942, quando Cândido deixou o cargo, a selecção nacional jogou sempre com o WM, na sua variante diagonal.

As primeiras experiências com o WM não foram absolutamente convincentes. A superioridade do método ficou apenas comprovada na época de 1938/39 quando Óscar Tarrío e Alexandre Scopelli, dois jogadores argentinos de saída de França, onde haviam experimentado o sistema⁸, ingressaram no Belenenses (Oliveira, 1949: 72). Scopelli jogava a interior esquerdo e simultaneamente treinava a equipa. Tarrío foi o jogador que desempenhou com perfeição o papel do moderno *stopper*, assinalando a precisão do WM quando, nos confrontos com o Sporting, quase anulou Peyroteo, o seu avançado-centro. A eficácia de Tarrío foi um argumento para a generalização da adopção do WM em Portugal.

Mais polémica será a ligação que Cândido de Oliveira estabelece entre estes acontecimentos e o desenvolvimento do WM nas duas maiores potências futebolísticas sul-americanas. De acordo com o técnico português, foi Óscar Tarrío que regressado à Argentina por lá introduziu o método. Por sua vez, a sua relação com o treinador brasileiro Flávio Costa, que passara uma temporada em Buenos Aires, terá estado na origem da importação do WM para o Brasil, realizada por Costa quando treinou em 1941 o Vasco da Gama (Oliveira, 1949: 82). A versão de Cândido de Oliveira não é, porém, a única. Jonathan Wilson, por exemplo, conta uma história diferente (Wilson, 2008: 106-110). Refere uma primeira tentativa de introduzir o WM no Brasil realizada por Gentil Cardoso, um negro que ao viajar pela Europa observou *in loco* o Arsenal de Chapman. Cardoso terá aplicado a tática numa pequena equipa do Rio de Janeiro, o

Sírio Libanês. As suas ideias, no entanto, não vingaram. Nesta versão alternativa, sustentada também por Csanadi (1963: 330), foi Dori Kurschner, um húngaro com uma longa carreira de treinador na Alemanha e na Suíça, que adaptou o WM de forma sustentada, quando chegou ao Flamengo em 1937. Flávio Costa sucedeu-o como treinador, continuando a usar o WM mas adaptando o defesa lateral à posição do centro, criando assim, o WM em diagonal. Cândido de Oliveira, como se depreende da descrição das primeiras experiências com o WM realizadas por equipas portuguesas, discorda do pioneirismo de Flávio Costa na invenção do sistema em versão diagonal.

Portugal terá sido dos primeiros países europeus a discutir e a aplicar o WM. Em Itália, apenas em 1939, depois do empate da selecção local contra a Inglaterra em Milão, se começou a dissertar sobre o novo esquema tático (Wilson, 2008: 66). Na União Soviética, a digressão de uma equipa composta por jogadores bascos em 1937, promovendo a causa republicana espanhola, revelou a eficiência do WM (Idem: 78-80). O pioneirismo basco não foi seguido pela maior parte das equipas espanholas, nem mesmo pela selecção. O livro sobre o WM publicado por Cândido de Oliveira em 1949, resultou da sua lição num curso de Aperfeiçoamento de Treinadores organizado em Julho de 1948 pela Real Federação Espanhola de Futebol. No país vizinho resistira-se ao novo modelo de jogo, mas os maus resultados obrigaram a uma mudança. Arthur Rowe, antigo jogador do Tottenham, levou o WM para a Hungria em 1940 (idem: 87-88). A discussão do modelo e o seu processo de adaptação local, no contexto do debate intelectual que envolveu o futebol na cultura dos cafés de cidades como Budapeste e Viena desde as primeiras décadas do século, iria dar origem a novos estilos, que vingariam de forma superlativa na década de 1950.

A recepção teórica de um sistema tático como o WM e a sua subsequente aplicação devem ser avaliadas atendendo às condições de acolhimento prevaletentes. Em Portugal, a situação de semi-profissionalismo não consentia um correcto apuro do sistema. Apenas na

década de 1950, os clubes mais fortes criaram condições de profissionalização, embora o estatuto de profissional só tenha sido reconhecido em 1960. O Sporting treinado por Cândido de Oliveira, campeão em 1948 e 1949, foi talvez a equipa que melhor interpretou o WM em Portugal. Poucos anos mais tarde, a sua hegemonia começou a ser disputada por novos sistemas. A vitória da selecção húngara em Wembley no famoso encontro de 1953, anunciava o advento de novas dinâmicas de jogo. O sucesso do Brasil no campeonato do Mundo de 1958 na Suécia, impôs o domínio de um novo esquema tático, o 4-2-4. Foi precisamente durante a cobertura deste Mundial para o jornal *A Bola* que Cândido de Oliveira viria a morrer, vítima de um atropelamento.

O WM em Lourenço Marques

Independentemente das discussões acerca do processo de disseminação do WM e da origem das suas adaptações, a expansão do sistema tático atestava um processo de circulação de princípios de organização da actividade motora dos jogadores e da movimentação das equipas que muitas vezes permanecia invisível quando a discussão sobre estilos de jogos remetia com insistência para a sua origem nacional e para as características irreduzíveis dos povos. A criação de estilos, realizada em diálogo permanente com a circulação das táticas, relevava, mais do que tudo, as condições que caracterizavam o universo das competições em cada região, a origem dos atletas e o seu contexto de formação.

A mesma linha de interpretação aplica-se à recepção do sistema WM em Lourenço Marques, actual cidade de Maputo, capital da então colónia portuguesa de Moçambique. O desenvolvimento do futebol em Lourenço Marques reflectiu o sistema de poder imposto pela colonização portuguesa (Domingos, 2005-2006, 2006 e 2009). Os primeiros jogos de que há registo foram promovidos pela importante comunidade britânica que habitava a cidade. Lourenço Marques era um dos núcleos de uma rede regional de circulação de trabalhadores e mercadorias

dominada pelas vizinhas regiões sul-africanas, lugar de negócios variados. Os colonos portugueses, em especial aqueles que haviam contactado com o jogo na metrópole, rapidamente aderiram ao movimento iniciado pelos ingleses. Organizaram-se as primeiras competições e em 1923 foi criada a Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM). Fora destas competições encontravam-se os africanos, com a exceção de alguns elementos de uma elite crioula que, por afinidade de classe, eram admitidos nas equipas dominavam o universo desportivo local: o Clube Ferroviário (n.1924), equipa da empresa dos caminhos-de-ferro, o Sporting de Lourenço Marques (n.1920), filial do Sporting de Lisboa, o Desportivo de Lourenço (n.1921), filial do Benfica e o 1.º Maio, clube mais antigo da cidade colonial, fundando em 1917 por operários anarco-sindicalistas do caminho-de-ferro. A chegada paulatina de colonos à cidade motivou a fundação de mais clubes. Estes, no entanto, jamais conseguiram desafiar o poder dos pioneiros, aqueles que, pela sua localização na cidade, passaram a ser conhecidos pelos “clubes da baixa”.

Esta é, no entanto, apenas uma dimensão da história do futebol em Lourenço Marques. Nos seus subúrbios negros, na designada “cidade de caniço⁹”, desenvolveu-se um poderoso movimento desportivo, alicerçado numa associação de futebol, a Associação de Futebol Africana (AFA), fundada em 1924, e num conjunto diversificado de clubes. Apenas alguns jogadores, na posse do estatuto de assimilado, documento que permitia ao africano ter acesso às “instituições europeias” vigentes no quadro colonial português, transitaram do futebol da AFA para o futebol da AFLM. Entre estes, encontram-se, entre outros, os casos notáveis de Matateu, Mário Coluna e Hilário da Conceição. Apenas em 1959, já num contexto de forte pressão internacional sobre o poder colonial português em África, o governo decidiu abolir a AFA e integrar os clubes africanos na AFLM, remetidos para uma terceira divisão criada especialmente para esse efeito. O futebol organizado nos subúrbios de Lourenço Marques beneficiou dos contactos com o forte movimento associativo de carácter desportivo na vizinha África do Sul. Havia um verdadeiro

intercâmbio africano, já que tanto num lado como no outro a segregação impedia os jogadores negros (na África do Sul de forma absoluta) de jogar conjuntamente com os brancos. O reconhecimento desta circulação é crucial para compreender, para lá de uma narrativa europeia, os processos de difusão de técnicas e ideias.

O futebol, dos dois lados da barreira da segregação, transformara-se num dos mais dinâmicos espectáculos de Lourenço Marques. As competições marcavam o calendário desportivo local, levando a população com regularidade aos campos de jogo. Na AFLM, além intercâmbio regular com equipas sul-africanas, onde jogavam apenas atletas brancos, passavam ocasionalmente em digressão por Lourenço Marques equipas europeias, sobretudo metropolitanas. Estes eram, aliás, momentos vividos com grande ansiedade, antecipados pelos jornais e motivo de conversa e análise durante um largo período de tempo. Os jogos entre equipas de diferentes cidades moçambicanas eram bastante mais raros, embora em locais como a Beira, Quelimane, Inhambane ou Nampula houvesse competições regulares. Esta circunstância traduzia a fraca integração territorial e económica da colónia portuguesa. As principais cidades do território estavam sobretudo ligadas às regiões vizinhas da África do Sul e da então Rodésia, com quem mantinham uma histórica dependência económica. O primeiro campeonato nacional, resultado da iniciativa da imprensa de Lourenço Marques, realizou-se apenas em 1956 e de forma bastante precária, em contraste com a dinâmica de algumas competições regionais.

Tal como na metrópole, o desenvolvimento do processo de desportivização em Lourenço Marques, contrariando as concepções desportivas do regime, gerara um mercado de futebol semi-profissional, embora a uma escala reduzida e concentrada nos maiores aglomerados urbanos. Na capital de Moçambique, a popularização do jogo e o conseqüente crescimento da pressão dos adeptos e da imprensa sobre a performance dos jogadores e o trabalho dos treinadores criou um espaço de discussão público, promovido por jornais locais e metropolitanos, que também circulavam em Lourenço Marques, no interior do qual a “questão tática” acabou

por progressivamente se tornar num dos debates centrais. Este processo incrementou-se em definitivo quando alguns jogadores locais se transferiram, a partir da década de 1950, para os principais clubes da metrópole. A criação desta ponte, simultaneamente um canal de mobilidade social, estimulou a profissionalização do futebol em Lourenço Marques, oficialmente consagrada em 1964.

*

Não é simples traçar uma história da introdução dos esquemas táticos em Moçambique. Tal objectivo exigiria um trabalho de investigação mais profundo e focalizado. Na década de 1930, em Lourenço Marques, recorda-se Guilherme Cabaço (n.1917)¹⁰, colono português, funcionário do estado, os treinadores eram “amadores ou antigos jogadores” que, de forma precária, se iam informando sobre a evolução das formas de jogar. Segundo este antigo colono, os clubes locais, seguindo o exemplo do Athletic Club, equipa fundada no seio da comunidade inglesa local e uma das primeiras equipas a praticar o jogo em Lourenço Marques, dispunha os seus jogadores em campo segundo os trâmites da formação clássica. A revolução instituída pelo Arsenal de Chapman chegou mais tarde.

Em 1937, o clube escocês Aberdeen, segundo classificado do campeonato escocês e finalista da taça da Escócia, que perdeu para o rival Celtic de Glasgow, realizou uma digressão pela África do Sul. Aproveitando a circunstância, a AFLM contratou o Aberdeen para jogar em Lourenço Marques: um “compromisso financeiro pesadíssimo”, segundo o diário local *Lourenço Marques Guardian* (1/6/37: 2). Era a primeira vez que uma equipa europeia jogava na capital de Moçambique. Se no contexto europeu e sul-americano as digressões constituíram momentos determinantes para a troca de ideias sobre formas de jogar e para a partilha de lógicas performativas, em África, a raridade de tais visitas, transformava-as em celebrações únicas. O jogo entre o Aberdeen e uma selecção local realizou-se no dia 13 de Junho. Os jornais

anteciparam o acontecimento, procurando saber tudo sobre a equipa escocesa, reportando os seus embates em Joanesburgo e Pretória e pressionado a equipa local a conquistar um resultado pelo menos digno. Para a turma de Lourenço Marques preparar o encontro criou-se um horário especial de treinos. A discussão sobre a formação da equipa revelou a responsabilidade do embate. O *Lourenço Marques Guardian* fez o historial das digressões de equipas europeias à África do Sul: em 1897, a equipa inglesa do Corinthians inaugurou estas deslocações, repetindo a visita em 1903. Em 1910 e em 1920 foi a vez da selecção inglesa. O Aberdeen desembarcou pela primeira vez em 1927, sendo seguido, em 1931 e 1934, pelos compatriotas do Motherwell. Em 1935, veio o Combines Service Football Team e, em 1936, o Viena Athletic Club (*Guardian*, 12/6/37: 3).

Num dia de chuva, com o campo do Ferroviário completamente alagado, a equipa escocesa bateu os locais por 6-4. Embora os artigos sobre o jogo tenham descrito a sua dinâmica, em nenhum local se nomeia os esquemas táticos utilizados pelas equipas. No dia anterior ao encontro, a página em inglês do *Lourenço Marques Guardian*, um jornal bilingue, apresentou a formação do Aberdeen, disposta de acordo com a típica da formação clássica. E, no entanto, há razões para acreditar que o Aberdeen jogou em Lourenço Marques apresentando o WM de Chapman.

No dia 3 de Junho, o enviado do *Lourenço Marques Guardian* a Joanesburgo, Camacho da Cruz, assinou uma reportagem sobre a digressão do Aberdeen pela África do Sul (*Guardian*, 3/6/37: 3). Ao descrever o jogo do clube escocês referiu-se à estranha actuação do seu médio-centro: “É que Falloon, o médio centro e capitão dos escoceses, jogou tão recuado que mais pareceu um terceiro defesa, e isto em todo o encontro, onde quasi sempre o seu grupo jogou com vantagem no terreno...”. Mais à frente, notou ainda que os “os escoceses, contrariamente ao que esperávamos, preferiram o jogo alto ao rasteiro...”. O recuo do médio-centro, compunha o *third back game* típico da dinâmica defensiva do WM. Este esquema, ao permitir que o campo fique

mais largo, acentua a utilidade dos passes largos, em detrimento dos passes mais curtos, que historicamente caracterizavam o jogo escocês. No mesmo dia, o *Notícias de Lourenço Marques* caracterizava o futebol do Aberdeen, “jogado com serenidade, matemático e preciso, em que os jogadores pouco se esforçam em correrias desnecessárias”, adiantando que “jogam com o médio centro bastante recuado, quasi como terceiro defesa, e os seus medios laterais são, por assim dizer, dois médios de ataque. Os avançados, quasi sempre colocados a meio-campo, raramente deslocam os interiores para a defesa, como sucede no sistema praticado pelos nossos grupos” (Notícias, 3/6/37: 4). No dia antes do encontro, o *Guardian* confirmou que “Fallon deve revelar-se não pelo seu jogo mas sim pela tática que emprega. Joga de forma a dar impressão que existe um terceiro «back» e o seu papel predominante é o de desarmar os adversários que conduzem a bola nas avançadas perigosas, como se verifica com o seu constante aparecimento por detrás dos defesas” (*Guardian*, 12/6/37: 6).¹¹ A reportagem do jogo de Lourenço Marques comprova a utilização do sistema do clube escocês: “interessante e proveitosa a tática que nos apresentaram, com o médio-centro atrasado, formando uma magnifica barreira de defesa e os médios-laterais a jogarem como segundos avançados” (*Guardian*, 15/6/37: 4).

A experiência tática do Aberdeen em Lourenço Marques terá sido considerada na capital de Moçambique como pouco mais do que uma curiosidade, não parecendo ter deixado frutos imediatos. É preciso avançar alguns anos para encontrar referências ao WM, nomeadamente à sua utilização numa equipa local. Algumas fontes indicam que o primeiro treinador a utilizar o WM no campeonato da AFLM terá sido António Borges Jacinto no Clube Ferroviário em 1944¹². Antigo jogador do Benfica, Borges Jacinto chegou à cidade em 1931 e jogou 10 anos na equipa dos caminhos-de-ferro. Em 1944 assumiu a direcção técnica das diversas categorias do clube, determinando que todas jogariam sob a lógica do WM. A sua opção gerou resistências. Um ano depois de tomada esta medida, a direcção do Ferroviário, analisando o comportamento da equipa, solicitou-lhe que voltasse à formação clássica (*O Ferroviário*, 1946, n.º 7-8). A

discussão tática no Ferroviário era apenas um indício da existência no clube de uma estrutura organizacional avançada para os parâmetros locais, desenhada em moldes de tipo empresarial. Esta ascendência vincava-se, nomeadamente, na regularidade e intensidade dos treinos: 3 sessões por semana, uma teórica, duas práticas, uma individual, outra de conjunto, 15 a 30 minutos de ginástica antes do treino (idem). Borges Jacinto realizava “treinos teóricos”, apesar da relutância dos jogadores, todos empregados do caminho-de-ferro, em ouvir as suas palestras (*O Ferroviário*, 1945, n.º3).

No ano em que a direcção do Ferroviário obrigou Borges Jacinto a adiar a sua experiência tática na equipa principal do clube, a selecção nacional portuguesa, treinada por Cândido de Oliveira, venceu a Espanha por 4-1. Foi a vitória de um colectivo ordenado de acordo com as disposições do WM sobre uma equipa que insistia na formação clássica. As discussões sobre a tática adensaram-se na metrópole e estenderam-se até às colónias.

Em 1949, o presidente do Clube Ferroviário, Trindade Pinto, decidiu contratar Severiano Correia, um treinador metropolitano, para dirigir a equipa. Ao fazê-lo considerou a influência que a tática ganhara no modo como se pensava o jogo de futebol. Como Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, Severiano Correia era um casapiano. Como eles, partilhava a prática do futebol e, mais tarde, o ofício de treinador, com a profissão de jornalista. Severiano Correia nasceu em 1913. Uma lesão no joelho incapacitou-o de continuar a jogar futebol. Iniciou então uma carreira de treinador que incluiu a Académica de Coimbra, o Atlético Clube de Portugal e O Elvas. Foi seleccionador nacional em 1947. No mesmo ano em que Cândido de Oliveira publicou a sua obra de promoção do sistema WM, Severiano Correia viajou para Lourenço Marques com o intuito de organizar o Clube Ferroviário de forma profissional, o que incluía acrescentar uma dimensão tática ao futebol laurentino. Foi o primeiro treinador que possuiu o tempo suficiente e a liberdade necessária para aplicar o sistema WM no âmbito da Associação de Futebol de Lourenço Marques. Em 1951, o jornal do clube Ferroviário considerava-o responsável por “um

melhor ajustamento de «pedras» ao sistema WM, a colocação de alguns jogadores nos seus devidos lugares.”

Em 1953 foi contratado como redactor principal do suplemento desportivo do *Lourenço Marques Guardian*. Nesse cargo, não se limitou a falar da acção treinador em abstracto, nem tão pouco se confinava a elogiar colegas de profissão; ele próprio fazia as crónicas dos jogos em que participava a sua equipa. O cumprimento de uma função educativa sobrepunha-se a qualquer suspeita de parcialidade. O jornalista tinha por função educar nas coisas do futebol o público de Lourenço Marques que, segundo Severiano, era “gente que o futebol só o tem visto entre nós nas aldeolas do nosso querido Portugal Continental onde a modalidade é entretenimento domingueiro...” (*Guardian Desportivo*, 19/8/53: 6-7).

O primeiro passo do jornalista-treinador passava por alterar os princípios de narração que caracterizavam as reportagens dos jogos de futebol. A descrição das principais jogadas e dos feitos individuais dos jogadores, que definia uma certa relação do adepto com o jogo, foi subordinada à análise lógica do movimento da equipa. Esta era concebida como um corpo dinâmico cujo movimento dependia do cumprimento de funções pré-determinadas por parte dos jogadores. Isto implicava uma “despersonalização do jogador”, que nestas crónicas muitas vezes perdia o seu nome, passando a ser nomeado pela posição que ocupava e avaliado pelo modo como se adaptara às suas funções. A morfologia destas funções era decidida pelo treinador, autêntico coreógrafo do jogo (*Guardian Desportivo*, 30/12/53: 1-4). O público leitor devia perceber que o conjunto de gestos e movimentos realizados pelos jogadores, matéria do jogo de futebol, dependiam de um pensamento que procurava, dentro das possibilidades e constrangimentos de uma actividade desportiva caracterizada por múltiplas e constantes interacções, pré-determinar a sequência e a forma das jogadas. O trabalho jornalístico de Severiano Correia possibilitava ao leitor relacionar o “rumo concreto do jogo” com os princípios teóricos que lhe eram subjacentes.

Foi no contexto deste constante esforço de promoção do jogo, que Severiano Correia narrou os feitos internacionais da selecção húngara, anunciadores do fim da era do WM. A vitória da Hungria em Wembley foi celebrada por Severiano do *Guardian Desportivo* (2/12/53: 1) como o início de uma nova fase. O futebol da Europa Central, nomeadamente o que se havia desenvolvido em Budapeste, Praga e Viena nas primeiras décadas do século, surgia agora mais estruturado. Nas crónicas de Severiano surgiam todo o tipo de metáforas alusivas à cientificidade do jogo: estilo “geometricamente recortado”, “matemático”, de “padrão científico”(Idem: 9), protagonizado por equipas que são “verdadeiras máquinas” onde os jogadores se movimentavam segundo o ritmo da batuta do treinador, “entregando absolutamente a condição individual, com a certeza de que só assim poderão render”(idem). O derradeiro acto que consagrava a autonomia do treinador efectuava-se pelo rompimento definitivo entre a lógica científica do jogo, produtora de uma estética autónoma, e as formas de apreciação do público: “O jogador por muita boa classe que possua, não pode mostrar com exuberância que deseja gozar os aplausos do público. Tem de se esquecer quem é para pensar, unicamente, na função que lhe cumpre no conjunto” (*Guardian Desportivo*, 20/10/54: 1) A qualidade do futebol da Europa Central foi observada em Lourenço Marques aquando da visita do Dinamo de Praga.¹³

A exposição da lógica racional da tática não protegia o treinador do crivo da crítica nem de todos os factores que historicamente ameaçaram a sua autonomia. Logicamente superior, o sistema tático nem sempre se revelava eficaz. E mesmo quando o treinador demonstrava a sua mestria, não era muitas vezes evidente para o espectador “comum” a relação entre a tática e a produção da equipa, ressaltando mais a excelência do movimento individual executado pelos jogadores. Apesar do seu sucesso em Lourenço Marques, venceu por três ocasiões o campeonato pelo Clube Ferroviário e uma pelo Desportivo, Severiano Correia queixava-se das pressões exercidas em permanência pelo “núcleo social-moral, a quem vai caber não só a orientação técnica como também o estabelecimento do princípio que se achou do ideal de desporto.”

(*Guardian Desportivo*, 17/2/54: 1). Todos opinavam sobre o jogo, dirigentes, jornalistas e o próprio público, como se o pudessem decifrassem profundamente. Tal ignorância, no entanto, não excluía estes agentes da participação efectiva e modeladora no mercado de trocas específico que caracterizava a “produção ampla” do espectáculo de futebol. Severiano Correia deixou Moçambique em 1955. Depois de quatro anos no Lusitano de Évora e de uma experiência em Angola, voltou para o Ferroviário em 1961. Em 1964 abandonou definitivamente Moçambique. Esteve a trabalhar um ano em Joanesburgo antes de voltar à metrópole. Viria ainda a treinar na Grécia e no Brasil. Morreu em 1977, depois de dirigir a equipa do Belenenses.

Uma história alternativa? O WM no subúrbio

O fechamento da análise da difusão de esquemas de organização tática em Lourenço Marques ao futebol praticado na “cidade europeia” sugere um quadro interpretativo necessariamente incompleto. O futebol organizado pelos colonos possuía uma dinâmica própria beneficiando das deslocações de jogadores e treinadores da metrópole, da relação estabelecida entre as equipas locais e as metropolitanas e também da proximidade com a África do Sul. Para lá da fronteira do subúrbio, o futebol local não se constituía, no entanto, como uma realidade auto-sustentada e isolada do mundo. A informação sobre o futebol jogado na “baixa” e na metrópole circulava pelo subúrbio. O intercâmbio com equipas da África do Sul, que vinham abrilhantar torneios organizados pela AFA e pelos seus clubes, possibilitava a troca de experiências e a comparação de performances. Os esquemas de organização das equipas integravam este processo de troca, revelando que a cidade, lugar de actividades e experiências múltiplas, criara, sob o jugo colonial, espaços de autonomia por onde circulavam práticas e conhecimentos. O futebol, neste contexto, possuía uma força particular, impondo-se como um instrumento da disseminação e apropriação de informação específica.

Como as fontes relativas à vida quotidiana do subúrbio são escassas, a reconstrução do processo de circulação local de esquemas táticos não é de simples aferição. É difícil, sobretudo, perceber o modo como se relacionava com a precária estrutura de organização do futebol suburbano. A disposição de uma equipa segundo os trâmites de um sistema tático não implicava, como foi referido, a sua exploração sistemática, carente de uma estrutura organizativa desenvolvida. Ainda assim, no subúrbio, a ideia de estilo de jogo, no qual a tática se integrava de modo mais ou menos explícito, era termo de comparação do futebol local com o praticado por outras equipas, como por exemplo as que viajaram da África do Sul na sequência da relação entre os clubes da AFA e o associativismo desportivo das regiões vizinhas, sobretudo aquele que foi desenvolvido com Joanesburg African Football Association (JAFA)(Domingos, 2009: 69).

Peter Alegi, no trabalho que realizou sobre a história do futebol na África do Sul, refere a importância das digressões da equipa escocesa do Motherwell em 1931 e 1934 para o desenvolvimento do jogo local (Alegi, 2004: 58-59). Embora o Motherwell só tenha jogado com equipas constituídas por jogadores brancos, o seu estilo de jogo influenciou de modo determinante o futebol praticado pelas equipas negras. Os adeptos destes clubes vibraram com as derrotas sofridas pelas equipas sul-africanas, impotentes para lidar com o estilo de jogo escocês. Nas secções dos estádios reservadas aos negros, muitos observadores ficaram impressionados pelo estilo metódico e colectivo do Motherwell. A imprensa local reportou efusivamente estes jogos. O impacto do Motherwell foi tão grande que, como refere Alegi, entre as equipas africanas o nome do clube escocês passou a designar um estilo de jogo (idem). Segundo o autor, as equipas africanas que mais se mostraram permeáveis à adopção deste sistema eram aquelas que haviam disso organizadas no contexto de associações cristãs, cujos membros eram predominantemente indivíduos educados em missões, operários especializados aspirando a um trajecto de ascensão social. Neste contexto associativo, o estilo escocês tornou-se um símbolo de sofisticação urbana. Uma das equipas que procurou adoptar um “estilo Motherwell” foi o

“Highlanders Football Club”, equipa sedeadada no Bantu Men’s Social Club, um clube reservado, dirigido a homens negros educados. Em 1934, foi anunciada a visita a Lourenço Marques do Bantu Men’s Social Club (*O Brado Africano*, 2/6/34: 2). A ausência de descrições sobre este jogo em *O Brado Africano*, única publicação que prestava alguma atenção à vida no subúrbio, impede mais interpretações sobre a influência que a digressão da equipa sul-africana terá deixado no futebol local e, nomeadamente, aferir se trouxeram à capital de Moçambique o famoso estilo *motherwell*.

Em 1936, os All-Blacks FC de Joanesburgo jogaram em Lourenço Marques e venceram uma selecção da AFA por 7-3 e o Beira-Mar por 3-2 (*O Brado Africano*, 11/7/36: 3). Em 1938 terão jogado no subúrbio da capital de Moçambique o Sham Racks, do West Rand Bantu, o Training Institute e o Halalands (*O Brado Africano*, 24/12/41: 8) e em 1939 foi a vez do Rangers FC do Transvaal (*O Brado Africano*, 2/9/39: 3). As trocas desportivas entre estas equipas e associações sul-africanas e moçambicanas não se efectuavam apenas em Lourenço Marques. Diversas vezes clubes da AFA viajaram até às regiões vizinhas. Estas ocasiões serviam para comparar formas de jogo, promovendo imitações e adopções diversas.

Vários jogadores que começaram a competir no subúrbio de Lourenço Marques no final da década de 1940 e na década seguinte referiram jogar segundo a disposição do sistema de Chapman (Domingos, 2009: 181). Saide Mogne, que fez parte de várias turmas suburbanas, como Mahafil Isslamo, o Atlético Mahometano ou o Munhuanense Azar, apontou o contacto com as equipas sul-africanas como determinante na disseminação do sistema¹⁴. Por estarem sob a influência inglesa, as equipas sul-africanas, brancas e negras, que visitaram Lourenço Marques traziam um WM mais estruturado.

A organização dos colectivos segundo os nomes das posições que perfaziam o WM não determinava, porém, o grau de implicação do esquema tático nos gestos e nos movimentos dos jogadores. O trabalho jornalístico de Severiano Correia, ao enunciar a relação entre a elaboração

teórica da tática e a dinâmica concreta da equipa, fornece informação que permite, pelo menos durante o tempo em que escreveu, avaliar a profundidade da racionalização imposta pela teoria ao movimento em campo. As dificuldades do treinador metropolitano em encontrar um enquadramento de treino que lhe permitisse aperfeiçoar o seu sistema teórico são um mero indicativo dos problemas que existiriam num contexto ainda menos institucionalizado como o era o do futebol suburbano. Estes obstáculos organizacionais, apenas resolúveis num quadro de maior especialização de funções, obstavam a que a tática passasse de uma mera disposição indicativa do lugar que os jogadores deveriam ocupar em campo para um sistema que obrigasse a uma incorporação dos seus princípios dinâmicos. Tal incorporação exigiria uma outra atitude por parte dos atletas cuja instituição exigia um contexto motivacional diferente, decorrente de expectativas e aspirações que só poderiam ser criadas no âmbito do assinalado contexto de profissionalização.

Apesar destas circunstâncias, a proliferação de canais por onde circulava informação expandiu conhecimento específico sobre os esquemas táticos, promovendo um espaço de discussão particular e, de uma forma ou de outra, uma nova forma de pressão sobre as equipas. Este processo chegou inevitavelmente ao subúrbio. Em 1951, *O Brado Africano*, criticando a falta de organização prevalecente na AFA, decorrente da ausência do treinador como peça central educadora do colectivo em campo, considerava as equipas locais “orquestras com jogadores célebres mas sem a batuta de um maestro” (26/4/51: 4). Exigia-se, então, que no leme das equipas se impusesse a figura treinador cuja função é comparada com a de Fídias, o escultor. O treinador era o homem que iria trabalhar “o magnífico barro humano, amontoado no celeiro sempre prene da juventude africana”: “só assim o association africano pode ter a classe pela qual tanto anseia” (idem). Para alcançar um melhor nível performativo, exigência cuja origem residia no exercício de comparação de formas de jogar, deveria incorporar os princípios básicos da modernidade: “Tome a equipa por rumo, o velho teorema de ser o caminho mais curto entre

dois pontos uma linha recta e esqueça os caminhos tortuosos das travessas e atalhos” (idem). Os “caminhos tortuosos das travessas e dos atalhos” descrevia um estilo de jogo local fundado no virtuosismo técnico dos jogadores e alheio aos grandes princípios do jogo colectivo.

A sugestão de um aprofundamento da utilização de esquemas táticos no futebol suburbano não se realizou sem gerar resistências. O poeta José Craveirinha¹⁵, que partilhava a actividade literária com a crónica desportiva, foi uma das vozes que publicamente anunciou o seu desacordo. A tática, segundo a sua opinião, destruía as características do jogo local e a “habilidade nata” do jogador africano para o futebol (Craveirinha, 1959: 6). O estilo local estava a ser conquistado por “táticas e mais táticas. N.ºs 4 em linha, ferrolhos, 4-2-4 e outras coisas do género fizeram moda e mataram muito coisa boa no nosso jogador” (idem). A culpa, argumentava Craveirinha, residia nos treinadores que chegavam a Lourenço Marques e em “alguns jornais desportivos metropolitanos passados de mão em mão, [que] criaram no futebolista suburbano a mentalidade tática” (idem).

A racionalização imposta pela lógica dos esquemas táticos confrontava-se com a lógica do jogo local, gerando debates e lutas pela definição daquilo que deveria caracterizar o futebol do subúrbio. Este tipo de discussão, longe de se constituir uma especificidade local, foi transversal a todos os contextos nos quais a proposta de organização dos gestos e movimentos dos jogadores e das dinâmicas da equipa implícita aos sistemas táticos desafiou hábitos e tradições, vinculados nas formas de apreciação do público e fundamentalmente nos princípios de movimentação sedimentados nos corpos dos atletas.

Conclusão

A reconstrução do processo de circulação de um esquema tático como WM de Chapman tem necessariamente que ser realizada mediante uma análise histórica precisa dos diversos factores que envolvem o fenómeno de disseminação de uma técnica. Neste sentido, este artigo

constituí-se como um exercício introdutório, carente de fontes que permitiam avaliar as etapas de um processo complexo no qual, desde logo, é preciso distinguir a existência de um espaço público específico que se estabelece como uma plataforma de recepção e discussão de um determinado tipo de conhecimento, e a aplicação destes princípios teóricos na prática concreta do jogo. Nestes dois quadros é fundamental relevar a importância de determinados indivíduos, jornalistas, jogadores, treinadores, que, fruto de condições biográficas particulares, exerceram um papel de núcleos de expansão deste conhecimento e da sua aplicação. Tais indivíduos, no entanto, moveram-se em quadros históricos particulares que nos ajudam a explicar a sua acção. No caso da difusão de esquemas táticos é crucial interpretar o seu sentido preciso no contexto de um “processo de desportivização” que evoluiu de forma desigual no tempo e no espaço. Tal processo, exigindo dos jogadores uma determinada atitude em relação à prática do jogo, nomeadamente um conjunto de rotinas que reclamavam a condição de profissional, alterou os princípios que regulavam o seu desempenho motor. Como o caso aqui tratado da recepção do WM em Lourenço Marques procurou demonstrar, não existe uma lógica de disseminação linear. A definição da “forma mais correcta de jogar” é o resultado instável e contestado de inúmeras lutas onde participam todos os agentes que investem neste mercado particular de trocas. Tal realidade assinala a necessidade de se examinar com cuidado os processos locais de desenvolvimento do jogo de futebol para, sem cair na armadilha da nacionalização ou culturalização dos estilos de jogo, se averiguar as condições históricas de adopção e transformação do futebol. Só assim, recorrendo mais uma vez ao exemplo de Lourenço Marques, é possível não omitir uma via de adopção não europeia do jogo, forma de apropriação e transformação particular da modernidade segundo condições de existência particulares.

¹ Muito por via da sua apropriação popular no âmbito de uma cultura urbana e massificada, o jogo foi historicamente desclassificado enquanto objecto de investigação. Este facto, quando não protelou o seu estudo, remeteu-o para o estatuto de mero reflexo de processo políticos e sociais.

² Esta narrativa é visível nas obras do jornalista e treinador português Cândido de Oliveira (*Football, Técnica e Tática*, Lisboa, edição de Autor, 1935 e *A evolução tática no futebol*, WM, Lisboa, edição de autor, 1949). O valor destas publicações, no contexto da circulação de manuais táticos pelo mundo, está ainda por avaliar. A mesma narrativa é suportada por clássicos como *Soccer Revolution* de Willy Meisl, Londres, Panther, 1957, e está presente em manuais de origem diversa como por exemplo George Briquet, *Football D’Aujourd’Hui*, Paris, Flammarion, 1955, Conrad Lodziak, *Understanding Soccer Tactics*, Londres, Faber and Faber, 1955, Arpad Csanadi, *El Futbol*, Barcelona, Planeta, 1963 (orig. 1956).

³ Dependente da conquista de resultados, o estatuto alcançado seria sempre, como a história do futebol o tem provado, bastante precário.

⁴ Wilson fala da sua adequação à Art Deco que rodeava o bairro de Highbury, onde se situava o estádio do Arsenal, comparando a máquina de futebol arsenalista à “casa como máquina” de Le Corbusier, ou o “poema como uma máquina feita de palavras” de William Carlos Williams. (Wilson, 2008: 51).

⁵ No mesmo ano, o treinador do Futebol Clube do Porto, o húngaro Joseph Szabo, que se havia tornado o primeiro treinador a vencer o campeonato nacional, também estagiou n Arsenal doe Londres. Ao se referirem a esta ocorrência, João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro assinalam a importância deste estágio para Szabo impor uma férrea disciplina no Futebol Clube do Porto, e aumentar o ritmo treino físico (Coelho e Pinheiro, 2002: 272).

⁶ O futebol desenvolvido na Escócia tornou-se numa doutrina. A sua “escola do passe curto” opunha-se ao futebol mais físico dos ingleses. Jimmy Hogan fez parte da diáspora escocesa. O seu papel foi fundamental no desenvolvimento do futebol na Europa Central, sobretudo em Viena e Budapeste.

⁷ O fascínio de Cândido de Oliveira pelo novo sistema tático decorreu do estágio com o Arsenal, já que, como refere no seu livro, o curso da *Football Association* ignorou a questão, o que confirmava a persistência dos órgãos dirigentes ingleses em ensinar a formação clássica. Além da maior parte dos técnicos ingleses não ter adoptado a nova tática, os jornais continuaram, alguns até aos anos de 1960, a apresentar o alinhamento das equipas respeitando a formação em pirâmide (Wilson: 57).

⁸ Georges Briquet refere que no jogo entre a equipa nacional francesa e a congénere austríaca, conhecida pelo wunderteam, realizado em 1934, o treinador francês Kimpton terá utilizado uma forma rudimentar de WM, sustentada na marcação homem a homem. Depois, o sistema terá evoluído localmente, tornando-se mais articulado e criativo (Briquet, 1955: 25-35).

⁹ Material de construção da maioria das habitações no subúrbio.

¹⁰ Em entrevista concedida ao autor em .6 de Junho de 2006.

¹¹ Ao se olhar para a formação do Aberdeen nas páginas do mesmo jornal Fallon é apresentado como *centre half*, no já referido contexto da “pirâmide” (*Guardian*, 12/6/37: 6).

¹² De acordo com um artigo de João C. Reis no jornal do Clube Ferroviário, “O Futebol que se jogou na Metrópole”, *O Ferroviário*, N.ºs 12 e 13 – Junho-julho de 1946: 9. Facto confirmado por Severiano Correia em artigo no *Guardian* de 23/6/54.

¹³ O *Diário de Lourenço Marques Guardian* (1/10/55: 5) assegurou ter sido a melhor equipa a ter jogado na África do Sul.

¹⁴ Entrevista concedida em 15 de Abril de 2006.

¹⁵ Poeta e jornalista, nasceu em Maputo em 1922, onde trabalhou em vários jornais. Em 1991 foi-lhe atribuído o Prémio Camões.

Bibliografia

Alegi, Peter. 2004. *Laduma: Soccer, Politics and Society in South Africa*. Natal: University of Kwazulu-Natal Press

Briquet, George. 1955. *Football D’Aujourd’Hui*. Paris: Flammarion

-
- Coelho, João Nuno e Pinheiro, Francisco. 2002. *A Paixão do Povo*. Porto: Afrontamento
- Craveirinha, José. 1959. “A tática acima da técnica”, *Notícias da Tarde*, 11/4/59
- Csanadi, Arpad, 1963 *El Futbol*. Barcelona: Planeta, (orig. 1956)
- Domingos, Nuno. 2005-2006 “O futebol Português em Moçambique como memória social”. *Cadernos de Estudos Africanos* (Lisboa) n.º 9/10
- Domingos, Nuno. 2006. “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”. *Análise Social* (Lisboa) vol. XLI (179) : 397-416
- Domingos, Nuno. 2009. *Football in Colonial Lourenço Marques: bodily practices and Social Rituals*. Phd Thesis. School of Oriental and African Studies: University of London
- Elias, Norbert.1992. “A génese do desporto: um problema sociológico”. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel: 187-215
- Lodziak, Conrad. 1955. *Understanding Soccer Tactics*. Londres: Faber and Faber
- Meisl, Willy. 1957. *Soccer Revolution*,«. Londres: Panther
- Oliveira, Cândido de. 1934. *Alguns Aspectos Psicológicos dos Casapianos, conferência realizada em 2 de Junho de 1934 no Casa Pia Atlético Club*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia: 1-16
- Oliveira, Cândido de. 1935a *Football, Técnica e Tática*. Lisboa, Edição de Autor
- Oliveira, Cândido de. 1935b. *Relatório da minha viagem a Inglaterra “Ao serviço do Football Nacional”*. Lisboa: FPPA
- Oliveira, Cândido de. 1949. *A evolução tática no futebol WM*. Lisboa: edição de autor
- Ribeiro dos Reis, António. 1927 *Foot-Ball*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco
- Rocha, António Morais e Barreto, Fernando. 1987. *Subsídios para a história da educação física na Casa Pia de Lisboa: 1780-1987*. Lisboa: Casa Pia
- Silva, Astregildo. 2004. *Ribeiro dos Reis. Biografia*. Lisboa: Caminho
- Weber, Max. 1995. *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. São Paulo: Edusp
- Wilson, Jonathan. 2008. *Inverting the Pyramid*. Londres: Orion Books